

PROGRAMA EDUCATIVO

SALA DOS
POMARES

experiências em arte contemporânea
e sua contribuição educativa

DES | ESTRUTURAS

MATERIAL PEDAGÓGICO



DES | ESTRUTURAS

Desta vez, a Sala dos Pomares acolhe uma exposição que pretendia inicialmente diálogos entre obras de dois tipos: aquelas que partem de um projeto específico e claro e outras que dão mais lugar à intuição e ao momento do fazer e cuja produção está intimamente relacionada ao próprio processo. No entanto, no decorrer da escolha pela organização da mostra, essa divisão na forma de elaboração de um produto artístico nos pareceu, num segundo momento, demasiado simplista, já que alguns trabalhos, embora rigorosamente projetados e estruturados, também implicam a sua própria desestruturação. Isso prova mais uma vez que arte não é uma coisa simples.

Este conjunto de obras da coleção da FVCB, pertencentes a diversas épocas, dos anos 1950 até a atualidade, reunindo autores tanto brasileiros quanto estrangeiros, reafirma a arte como um fenômeno complexo e digno de ser estudado e analisado.

A mostra contrapõe o gestualismo de Emilio Vedova ao rigor de Joseph Albers e reúne desde pequenas obras sobre papel, como as delicadas gravuras em metal da chinesa Lily Hwa, que valorizam o gesto, ao expressivo conjunto de 134 pinturas sobre papel de Lenir de Miranda sobre o tema de Ulisses. Potentes são os desenhos em 12 partes de Maristela Salvatori, a insólita instalação de Carlos Pasquetti, e os monumentais carretéis de Eduardo Frola. E destacamos a obra emblemática como é o LC3, um dos Bichos de Lygia Clark, editado pela editora de múltiplos Unlimited, de Bath, nos anos 1960, escultura transformável em inúmeras esculturas distintas. Muitas outras obras de grande interesse são oferecidas nesta exposição ao espectador: um leque amplo e aberto à contemplação e à reflexão.

VERA CHAVES BARCELLOS

PROGRAMA EDUCATIVO DES – ESTRUTURAS

MARIA MARGARITA SANTI DE KREMER

Artista Plástica, professora e pesquisadora em Arte, e consultora para projetos culturais e pedagógicos

A Fundação Vera Chaves Barcellos propõe consolidar, na sua comunidade, o amadurecimento de sua vocação educativa e transformadora através da arte. Mantendo a parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Viamão, a FVCB promove, durante o ano de 2012, um Programa Educativo voltado à atualização dos professores de artes da rede pública e privada de ensino.

Nosso principal objetivo, com essa iniciativa, é auxiliar os docentes no planejamento das aulas, bem como oferecer subsídios para discutir a arte moderna e, principalmente, a arte contemporânea, tendo como base as obras da FVCB.

Acompanhando o calendário expositivo da Sala dos Pomares, iniciamos as atividades com um material pedagógico elaborado a partir da mostra DES–ESTRUTURAS, pautada no Acervo da FVCB. Esse material é constituído pelos seguintes itens: (1) treze fichas de leitura de obra; (2) glossário com palavras-chave para discutir e pensar os trabalhos em questão; (3) dois jogos, reproduzindo as obras *Quebra-Nuvem*, de Helio

Fervenza, e *Combináveis e Permutáveis*, de Vera Chaves Barcellos. Cada ficha, em particular, traz a reprodução fotográfica de um trabalho artístico, um breve texto sugerindo possíveis interpretações, a formação sucinta do artista e a indicação de palavras-chave que relacionam e ampliam as abordagens da obra.

Tanto as fichas, como os jogos, podem ser adotados em turmas de Educação Infantil e de Ensinos Fundamental e Médio. Além desses materiais didáticos, a Fundação disponibilizará, através de seu site www.fvcb.com, um link com imagens e textos acerca das obras apresentadas na mostra, convidando o professor a elaborar seu próprio roteiro para percorrer DES–ESTRUTURAS, num processo criativo e reflexivo.

Com essa iniciativa, acreditamos cumprir a missão de ampliar as oportunidades de troca e acesso aos bens culturais, numa relação mais estreita entre os ensinos formal e o não formal. A todos os envolvidos neste enriquecedor processo, desejamos ótimos desafios, jogos e brincadeiras, em um prazeroso exercício de aprendizado.

ARTE COMO INSTÂNCIA DE CONHECIMENTO

PAULA RAMOS

Jornalista, crítica de arte, professora-pesquisadora do Instituto de Artes da UFRGS

Talvez uma das maiores dificuldades dos professores de arte em países como o Brasil seja, justamente, o acesso às obras de arte. O conhecimento que pauta o planejamento das aulas é fruto, na sua grande maioria, do contato com livros, manuais e reproduções. Entretanto, como um professor pode falar de arte sem vivenciá-la? Nos últimos anos, buscando modificar esse quadro, museus e instituições culturais públicas e privadas têm apostado em projetos de arte-educação, aproximando professores e estudantes do universo da arte. Trata-se de uma iniciativa de fundamental importância, mas que geralmente restringe o seu campo de alcance e atuação às capitais.

A Fundação Vera Chaves Barcellos (FVCB), localizada em Viamão (RS), vem adotando uma postura diferenciada, investindo no desenvolvimento da comunidade na qual se insere e buscando fomentar o debate em torno da arte contemporânea. Palestras e conversas com artistas e curadores integram a agenda permanente da instituição que, neste ano de 2012, formaliza seu Programa Educativo, numa

parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Viamão. Voltado a professores das redes de ensino da região metropolitana de Porto Alegre, o Programa contempla não apenas uma revisão teórica sobre conceitos e práticas da arte moderna e da arte contemporânea, como aproxima os docentes dessa produção, através do acervo da FVCB.

Com suas mais de 1.500 obras, o acervo tem como foco a arte produzida a partir dos anos 1960. Desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, esculturas, objetos, instalações, vídeos e livros de artista, além de publicações, integram a coleção, reconhecida nacional e internacionalmente pela sua primazia. Todos os anos, na Sala dos Pomares, a FVCB apresenta um recorte desse conjunto, a partir do olhar sensível de curadores convidados. Trata-se de uma excelente oportunidade aos visitantes, de observar e de vivenciar obras pouco acessíveis no circuito local. Aos professores de arte, em especial, essas mostras podem constituir o ponto de partida para ações pedagógicas, para a reflexão acerca do lugar da arte na cultura contemporânea.

GLOSSÁRIO

ABSTRAÇÃO GEOMÉTRICA: Variante da arte abstrata que organiza os elementos formais com base em composições matemáticas. Suas obras iniciais remontam às vanguardas europeias do início do século XX, tais como o Concretismo Russo, a Bauhaus, o Suprematismo de Kasimir Malevitch (1878–1935) e o Neoplasticismo (ou De Stijl), de Piet Mondrian (1872–1944) e Theo van Doesburg (1883–1931). Entrou em evidência no Brasil durante a década de 1950 por meio do Concretismo.
Ver, em Des – Estruturas: Lygia Clark, Joseph Albers, Nelson Wiegert, Pic Adrian.

ANOTAR: Fazer registros que podem ser tanto escritos quanto falados ou até mesmo imaginados. Em arte, anotações são bases para projetos a serem realizados. São como guias para nos lembrarmos de coisas ou recursos para criarmos situações futuras.

ARQUITETURA: Arte ou técnica de projetar e edificar o ambiente habitado pelo ser humano. Trata da organização do espaço e de seus elementos. Em última instância, a arquitetura lida com qualquer problema de agenciamento, organização, estética e ordenamento de componentes em situação de arranjo espacial. Associa-se diretamente à organização do homem no espaço, principalmente no espaço urbano.
Ver, em Des – Estruturas: Maristela Salvatori.

ARTE ABSTRATA: Em seu sentido mais amplo, esse termo pode ser aplicado a qualquer arte que não representa objetos reconhecíveis (como grande parte da arte decorativa, por exemplo). Na história da arte, entretanto, o termo “arte abstrata” está relacionado às formas surgidas no século 19 que abandonaram a tradicional concepção européia da arte como imitação da natureza. Entre os artistas basilares dessa corrente temos Wassily Kandinsky (1866–1944), Kasimir Malevitch (1878–1935), Paul Klee (1879–1940) e Piet Mondrian (1872–1944), que exploraram, em seus trabalhos, elementos como ponto, linha, cor e superfície.
Ver, em Des – Estruturas: Anna Maria Maiolino, Emilio Vedova, Frantz, Pic Adrian.

ARTE CONCRETA: Tendência da abstração geométrica que repudia toda referência figurativa e baseia-se somente no uso de formas geométricas. O termo foi cunhado por Theo van Doesburg (1883–1931), que, em 1930, publicou um manifesto intitulado *Arte Concreta*, no qual pregava: “Não há nada mais concreto do que a uma linha, uma cor, um plano”. Logo depois, o suíço Max Bill (1908–1994) deu seguimento às propostas de Doesburg, assim definindo a pintura concreta: “[ela] elimina toda e qualquer representação naturalista; serve-se exclusivamente dos elementos fundamentais da pintura: a cor e a forma da superfície. Sua essência é, assim, a completa emancipação de todo modelo natural; criação pura”. Na década de 1950, no Brasil, os grupos artísticos Ruptura e Frente, inspirados em Max Bill, adotaram o termo “Concretismo” para designar uma arte objetiva, abstrata e bastante vinculada às teorias matemáticas

e à psicologia da percepção. Os textos de Waldemar Cordeiro e de Ferreira Gullar foram fundamentais para a divulgação dessa nova linguagem. No Rio de Janeiro, especialmente, o Concretismo se desdobrou em Neoconcretismo, tendo como principais expoentes Lygia Clark (1920–1988), Lygia Pape (1927–2004) e Helio Oiticica (1937–1980). Entre os principais artistas da vertente concretista no Brasil estão Waldemar Cordeiro (1925–1973), Luís Sacilotto (1924–2003) e Geraldo de Barros (1923–1998).

ARTE CONTEMPORÂNEA: No sentido literal, é o que se produz em nossa época: é a arte atual. Porém, ao usarmos o termo “arte contemporânea”, não estamos falando estritamente do que se faz hoje, mas de produções artísticas que despontaram a partir da década de 1960 e que discutem, entre outros, a própria noção de arte e de artista. A referência à tradição da história da arte, as narrativas pessoais e subjetivas e as relações com a vida e o cotidiano, entre outros, têm pautado parcela expressiva dos artistas contemporâneos.

BAUHAUS: Escola de arte, arquitetura e artes aplicadas que se tornou o grande centro do design moderno na Europa, ao longo da década de 1920, desempenhando um papel fundamental no estabelecimento dos padrões de relação entre o design e as técnicas de produção industrial. A Bauhaus constituiu-se em 1919, em Weimar, na Alemanha, a partir da fusão da antiga Academia de Belas Artes e da Escola de Artes e Ofícios da cidade. Teve como primeiro diretor e idealizador o arquiteto Walter Gropius (1883–1969), que congregou entre os professores da escola alguns dos mais influentes artistas plásticos daquele período, como Wassily Kandinsky (1866–1944), Paul Klee (1879–1940), Lyonel Feininger (1871–1956), Oskar Schlemmer (1888–1943), László Moholy-Nagy (1895–1946) e Joseph Albers (1888–1976). O estilo característico da Bauhaus era severo, geométrico e impessoal, mas com um refinamento de forma e de linha que derivava de uma estrita economia de meios e de um estudo atento da natureza dos materiais. Suas maiores influências aparecem na tipografia, na arquitetura e no design de produto, com ênfase no mobiliário. A escola, que teve ainda duas outras sedes, em Dessau, a partir de 1925, e em Berlim, a partir de 1932, foi fechada pelos nazistas em 1933, sob acusação de subversão. Nos anos seguintes, graças ao trabalho de divulgação de seus ex-alunos e ex-professores, como Marcel Breuer (1902–1981) e Ludwig Mies van der Rohe (1886–1969), encontramos suas influências em várias partes do mundo.

Ver, em *Des – Estruturas*: Joseph Albers.

BRINQUEDO: Na acepção corrente, é o objeto com o qual as crianças se entretêm. Os brinquedos, no entanto, vão além do aspecto lúdico e podem nos auxiliar a estabelecer relações e questionamentos. Muitos artistas modernos e contemporâneos exploraram em seus trabalhos elementos ou a linguagem dos brinquedos.

Ver, em *Des – Estruturas*: Helio Ferverza, Lygia Clark, Regina Ohlweiler, Vera Chaves Barcellos.

BICHOS: No vocabulário corrente, “bicho” significa animal, inseto ou mesmo monstro fantástico. Na história da arte brasileira, a palavra remete à série desenvolvida a partir de 1960 por Lygia Clark (1920–1988). Trata-se de obras tridimensionais em metal, cujas articulações lhes permitem assumir formas diversas. Com seus *Bichos*, Lygia também colocava em cena o espectador, convidado a interagir com a obra.

Ver, em *Des – Estruturas*: Lygia Clark.

CARRETEL: Bobina, roldana pequena, cilindro no qual se enrolam os fios de linha. Na obra de Iberê Camargo (1914–1994), o carretel, que fora seu brinquedo de infância, assume papel fundamental, sendo signo, ícone e personagem.

Ver, em *Des – Estruturas*: Eduardo Frola.

COMPOSIÇÃO: Ato de construir um conjunto organizando diferentes elementos. A composição pode ser o elemento de partida para a realização de uma obra, quando um artista elege regras com as quais vai trabalhar.

CONSTRUTIVISMO: Movimento artístico de vanguarda baseado na abstração geométrica e que incorpora à obra de arte os conceitos de espaço e tempo, visando à obtenção de formas dinâmicas. Surgiu na Rússia por volta de 1913, tendo à frente Vladimir Tatlin (1885–1953). Mais tarde, os irmãos Antonie Pevsner (1886–1962) e Naum Gabo (1890–1977) se incorporaram ao movimento, lançando seus princípios em 1920, no *Manifesto Realista*. Esses artistas rejeitavam a ideia de que a arte precisaria servir a um propósito social útil e conceberam uma arte puramente abstrata, que refletia a tecnologia e o maquinário modernos, fazendo uso de materiais industriais como o vidro e o plástico. Para o Construtivismo, a obra de arte é uma construção, organizada como uma edificação e elaborada por métodos análogos. Na tradição latino-americana, “construtivo” e “construtivismo” são termos associados à abstração geométrica e à figura do uruguaio Joaquín Torres-García (1874–1949).

COR: Tem como característica a qualidade expressiva, basicamente sensual. As cores estão relacionadas com os diferentes comprimentos de onda do espectro eletromagnético e são percebidas em faixa específica, no que chamamos de zona do visível. Cor é luz, sendo que a cor branca resulta da sobreposição de todas as cores, enquanto que o preto é a ausência de luz e, portanto, ausência de cores. Uma luz branca pode ser decomposta em todas as cores por meio de um prisma. Na natureza, essa decomposição origina o arco-íris.

Ver, em *Des – Estruturas*: Carlos Pasquetti, Lenir de Miranda, Luis Capçada, Maria Lucia Cattani.

CORPO: A partir da década de 1960, o corpo humano inteiro, ou parte dele (como cabelo, suor, unhas e pele), passa a ser matéria para as artes visuais. Se, por um lado, os artistas realizam performances e retratam o próprio corpo em diferentes mídias, por outro também propõem obras de ativação dos sentidos do espectador, através de cheiros, ruídos ou texturas.

Ver, em Des – Estruturas: Carlos Pasquetti, Eduardo Frota, Lygia Clark.

DESENHO: Representação por meio de linhas, traçados. O desenho é encarado tanto como processo, quanto como resultado artístico. No primeiro caso, refere-se ao modo pelo qual uma superfície é marcada, aplicando-se sobre ela a pressão de uma ferramenta (em geral, um lápis, caneta ou pincel) e movendo-a de forma a surgirem pontos, linhas e formas planas. Na contemporaneidade, muitos artistas trabalham não apenas o desenho sobre o seu suporte mais tradicional, o papel, mas exploram o que se convencionou chamar de “desenho no espaço”, numa relação com a cidade e a arquitetura.

Ver, em Des – Estruturas: Anna Maria Maiolino, Regina Ohlweiler, Riera I Aragón, Tadeus Lapinski.

DESORDEM: Ausência de ordem; desarranjo.

Ver, em Des – Estruturas: Lenir de Miranda.

ESCALA HUMANA: Escala é um sistema de referências e medidas convencionado pelo homem. Dizer que algo tem escala humana significa dizer que esse elemento tem dimensões e qualidades adequadas ao tamanho de uma pessoa, à percepção de seu corpo e do lugar que ele ocupa.

Ver, em Des – Estruturas: Eduardo Frota, Carlos Pasquetti, Ione Saldanha.

ESCULTURA: Uma escultura possui volume e é percebida como um corpo no espaço, fechado em si mesmo, o qual circundamos. Pode-se criar uma escultura por meio da modelagem, da talha ou da adição de materiais, entre outros.

Ver, em Des – Estruturas: Eduardo Frota, Luis Capçada, Lygia Clark, Nelson Weigert.

ESPECTADOR: Aquele que observa, assiste ou presencia um fato, uma obra, uma ação. Em algumas produções artísticas, como o teatro, há o encontro entre o artista e o espectador. Em outras, como o cinema e a literatura, esse encontro se dá pela obra. Nas artes visuais, existem obras que caminham nas duas direções. Diante de uma obra de arte, o espectador pode assumir uma postura indiferente, interessada ou interativa.

ESTRUTURA: Articulação, distribuição e ordenamento dos elementos que compõem uma casa, um corpo, uma obra.

Aquilo que dá sustentação a algo. O termo refere-se à maneira de organizar os elementos que compõem uma obra de arte, assim como as relações entre eles, ou ainda à armação que sustenta uma escultura ou peça tridimensional.

Ver, em Des – Estruturas: Carlos Pasquetti, Eduardo Frota, Frantz, Lenir de Miranda, Lygia Clark, Lucia Koch, Maristela Salvatori, Vera Chaves Barcellos.

FIGURAÇÃO: Em oposição à corrente abstrato-geométrica da arte, a figuração é uma tendência expressiva que busca reproduzir ou representar, a partir de diversos enfoques plásticos e conceituais, a realidade circundante. É uma tendência expressiva que existe desde a origem da humanidade.

Ver, em Des – Estruturas: Lenir de Miranda, Maristela Salvatori, Riera I Aragón.

FORMAS BÁSICAS: No plano bidimensional, são o ponto, a linha e todas as formas que podem ser criadas com esses, como círculos, quadrados e triângulos. No plano tridimensional, são o cilindro, o cubo e o prisma. Em suma, são os elementos basilares usados na elaboração de uma obra.

Ver, em Des – Estruturas: Joseph Albers, Judith Lauand, Riera I Aragón.

GRAVURA: Gravura é um termo genérico que abrange vários processos gráficos de reprodução em série de uma imagem artística. Dependendo da matriz utilizada, a gravura pode ser uma xilogravura (quando a matriz é a madeira), gravura em metal (quando a matriz é uma chapa de zinco ou de cobre), litografia (quando a matriz é uma pedra gordurosa), serigrafia (quando a matriz é uma tela de nylon) ou monotipia que, como o nome sugere, é uma gravura de cópia única, cujo processo pode ser muito variado, dependendo da criatividade do artista.

Ver, em Des – Estruturas: Anna Maria Maiolino, Emilio Vedova, Joseph Albers, Judith Lauand, Lily Hwa, Maria Lúcia Cattani, Maristela Salvatori, Pic Adrian, Regina Ohlweiler, Riera I Aragón, Tadeusz Lapinski, Vera Chaves Barcellos.

INSTALAÇÃO: O termo instalação é incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960. Para a apreensão da obra, é preciso percorrê-la, passar entre suas aberturas, ou simplesmente caminhar pelas veredas e trilhas que ela constrói por meio da disposição das peças, cores e objetos.

Ver, em Des – Estruturas: Eduardo Frota, Carlos Pasquetti.

JOGO: É toda e qualquer atividade em que existe a figura do jogador (participante que interage na atividade do jogo). Jogos são atividades estruturadas, praticadas com fins recreativos e, em alguns casos, assumem o caráter de instrumentos educacionais. Jogos geralmente envolvem estimulação mental ou física e muitas vezes ambos.

Ver, em Des – Estruturas: Helio Ferverza, Lenir de Miranda, Lygia Clark, Vera Chaves Barcellos.

LINHA: Nasce do poder de abstração da mente humana, pois não há linhas corpóreas no espaço natural. Surge entre dois pontos e do movimento que tira do repouso um desses pontos. Responsável pela configuração de um espaço em direção e dimensão. Sua propriedade especial é a capacidade de criar planos.

Ver, em Des – Estruturas: Ana Maria Maiolino, Joseph Albers, Iole de Freitas, Lily Hwa, Maristela Salvatori, Regina Ohlweiler, Tadeuz Lapinski.

LITOGRAFIA: Processo de gravura desenvolvido em 1796 que tem como matriz uma pedra gordurosa. Baseia-se em um princípio simples: a repulsão entre água e materiais gordurosos. As pedras são especiais, geralmente importadas da Alemanha, e têm a possibilidade de, após o polimento, serem receptivas a um desenho com lápis ou tinta gordurosa. Em seu processo, a litografia é bastante complexa: sobre o desenho é colocada uma cola (goma arábica) com algumas gotas de ácido nítrico que fazem com que este, depois de algum tempo, se fixe à pedra. Depois de seca, lava-se a pedra para tirar toda a cola e, conservando-se úmida a superfície da pedra, passa-se um rolo com a tinta na cor desejada. A tinta vai aderir somente às partes gordurosas, fazendo reaparecer o desenho original. Coloca-se então a pedra na prensa para fazer a impressão.

Ver, em Des – Estruturas: Emilio Vedova, Tadeuz Lapinski.

LIVRO DE ARTISTA: Forma artística que explora o formato do livro, tanto em sua estrutura, como em seu conceito. Popularizado na segunda metade dos anos 1960, foi bastante empregado nos anos 70 entre os artistas conceituais, como uma forma de circulação de idéias muitas vezes complexas, incluindo imagens e texto. O termo define tanto o livro convencional, produzido em parceria com o editor comercial em tiragem limitada, quanto o que enfatiza o objeto físico e individual.

Ver, em Des – Estruturas: Frantz.

LUZ: Na forma como a conhecemos, é uma gama de comprimento de onda a que o olho humano é sensível. Trata-se de uma radiação eletromagnética. As três grandezas físicas básicas da luz são: brilho (amplitude), cor (frequência) e polarização (ângulo de vibração). Um raio de luz é a representação da trajetória da luz em determinado espaço, e sua representação indica de onde a luz sai (fonte) e para onde ela se dirige. Na pintura, luz é densidade.

Ver, em Des – Estruturas: Lucia Koch.

MODERNISMO: No âmbito da cultura, define um conjunto de movimentos artísticos e literários nas mais diversas formas expressivas, nascidos no final do século 19 e nas primeiras décadas do século 20. Tais manifestações refletiram no campo da cultura as mudanças radicais vivenciadas no mundo ocidental em sua esfera socioeconômica, em função das mudanças instauradas pelo processo de industrialização. Portanto, a nova produção artística se contrapôs às formas tradicionais de arte. Estão associados ao Modernismo movimentos comumente conhecidos como vanguardas históricas, entre elas: impressionismo, expressionismo, suprematismo, construtivismo russo, futurismo, surrealismo e cubismo. Nesse conjunto, é fundamental mencionar também a arquitetura moderna e a força da fotografia como modo de expressão artística.

MONOTIPIA: Como o nome sugere, é a gravura com cópia única. O processo pode ser muito variado, dependendo da criatividade do indivíduo. A forma mais comum é criar um desenho sobre uma superfície de vidro com tintas a base de água ou óleo, e pressionar um papel sobre o desenho. Em geral, as tintas se espalham criando efeitos inesperados, mas, com um pouco de prática, a técnica pode ser dominada e corresponder de forma bem aproximada à intenção do autor. Também colagens, relevos com cordões ou papéis com texturas, lixas ou folhas podem servir como matrizes para as mais variadas monotípias.

Ver, em Des – Estruturas: Maristela Salvatori.

NEOCONCRETISMO: Em 1959, liderados por Ferreira Gullar (1930), os artistas concretos do Rio de Janeiro recusaram o excesso de racionalismo vigente no Concretismo e se declararam "neoconcretos". Franz Weissmann (1911–2005), Lygia Clark (1920–1988), Lygia Pape (1927–2004), Helio Oiticica (1937–1980) e Amílcar de Castro (1920–2002), entre outros, defendiam a liberdade de experimentação, a retomada de intenções expressivas e o resgate da subjetividade. Os neoconcretos também estavam atentos ao caráter construtivo da arte, mas ressaltavam a fusão entre arte e vida, reformulando o objeto artístico como plurissensorial e incorporando efetivamente o observador, convidado a manipular e a interagir com as obras de arte.

Ver, em Des – Estruturas: Lygia Clark.

OBSERVAR: Olhar atenta e minuciosamente para um fato, uma pessoa, um lugar ou um objeto. A observação do mundo é o ponto de partida para a produção de alguns artistas contemporâneos.

Ver, em Des – Estruturas: Helio Ferverza.

ORDEM: Disposição ou colocação metódica das coisas em seu devido lugar; conveniente disposição dos meios para obter os fins; regularidade; conveniência; arranjo; disciplina.

Ver, em Des – Estruturas: Ione Saldanha, Nick Rands.

PROCESSO ARTÍSTICO: Conjunto de métodos, experimentações e procedimentos de ordem conceitual e prática que integram o trabalho de criação de um artista e lhe possibilitam descobertas e caminhos para a elaboração e formalização da sua poética ou trabalho artístico.

PESQUISAR: Conjunto de atividades que têm por finalidade a descoberta de algo novo ou a redescoberta de algo do passado. Movidos pelo interesse por temas gerais, da história, da ciência e muitos outros, como a história individual de pessoas comuns, artistas vêm assumindo uma postura investigativa em seus trabalhos que, em alguns momentos, são o próprio ato da pesquisa. No caso de pesquisa científica, ela pressupõe uma metodologia, cujo padrão é: formulação de uma hipótese; levantamento de dados e fontes de pesquisa; realização de experimentos empíricos; análise e avaliação do material levantado à luz da hipótese inicial.

PINTURA: A pintura refere-se genericamente à técnica de aplicar pigmento em forma líquida a uma superfície, tais como papel, tela, cartão, parede (pintura mural, afresco, grafite...), atribuindo-lhe matizes, tons e texturas. O elemento fundamental da pintura é a cor. A relação formal entre as massas coloridas presentes em uma obra constitui sua estrutura fundamental, guiando o olhar do espectador e propondo-lhe sensações de calor, frio, profundidade, sombra, luz, entre outras.

Ver, em Des – Estruturas: Frantz, Ione Saldanha, Lenir de Miranda, Nick Rands.

PLANO: É formado pelas linhas que definem o contorno de uma área, que se torna um novo elemento. A superposição de planos provoca a sensação de profundidade. A cor pode assumir papel de plano, já que lhe é atribuída uma relação de posição. Entende-se por plano básico a superfície material chamada a receber o conteúdo da obra. O plano não é tratado como um elemento formal em si, mas como superfície de cores e valores, como se verifica, por exemplo, na pintura de Paul Klee (1879–1940).

Ver, em Des – Estruturas: Joseph Albers, Judith Lauand, Lygia Clark, Nelson Weigert, Pic Adrian.

PONTO: O ponto geométrico é invisível, de modo que deve ser definido como um ente abstrato. O ponto é o elemento primário da pintura e, em especial, da obra gráfica. O ponto tem seus limites relativos, é pleno de possibilidades e tensão concêntrica. No figurativo, o valor de elemento se encontra velado, reprimido. No abstrato, surge como um elemento pleno e a descoberto. O ponto está subjacente a outros elementos, como a linha, a cor e o valor, em termos de medida, densidade e qualidade.

Ver, em Des – Estruturas: Anna Maria Maiolino, Nick Rands, Pic Adrian.

REGRAS: Normas e princípios definidos arbitrariamente para determinar maneiras apropriadas de agir e de se comportar. As regras orientam os jogos e também os direitos e deveres das pessoas e das instituições na sociedade. Criar novas regras, questionar as já existentes ou até mesmo burlá-las é fonte de trabalho para artistas contemporâneos.

Ver, em Des – Estruturas: Nick Rands, Vera Chaves Barcellos.

REPETIÇÃO: Ato de repetir, fazer outra vez; repisar; acontecer de novo.

Ver, em Des – Estruturas: Frantz, Nick Rands.

SERIGRAFIA: Processo de gravura cuja matriz é uma tela de nylon. A serigrafia, largamente utilizada nos dias de hoje, possibilita reproduzir desenhos e fotografias. Baseia-se no seguinte princípio: uma forma recortada, colocada sobre um papel, serve como molde e é preenchida por uma cor que é passada para o papel. Desta vez, o suporte utilizado é uma tela finíssima, confeccionada com nylon especial e montada em um bastidor de forma bastante tensionada. Transfere-se a imagem para a tela por meio de um processo realizado na penumbra e que se baseia em princípios da fotografia. A forma gravada sempre será o negativo da forma impressa, para cada cor impressa é necessária uma matriz diferente.

Ver, em Des – Estruturas: Anna Maria Maiolino, Pic Adrian.

XILOGRAVURA: Técnica de reprodução de imagens milenar, surgida no Oriente e que, no Ocidente, desenvolveu-se a partir do século XIII. Tem como característica a adoção de uma matriz de madeira. A partir de um desenho sobre uma prancha bem lixada de madeira, é produzida a matriz. Após, são feitas incisões na superfície da madeira, em toda superfície não desenhada, por meio de instrumentos de corte com pontas de metal de diversos formatos denominados goivas. Após essa etapa, a superfície restante recebe, por meio de um rolo, tinta especial para impressão (a mesma utilizada em impressões *offset* industriais), até que a distribuição sobre a superfície não gravada seja absolutamente uniforme. Chega-se, então, à hora de produzir a cópia da gravura, colocando um papel um pouco maior do que a matriz. Esse papel será pressionado contra a matriz, e isso pode ser feito tanto por meio de uma prensa, como utilizando artefatos simples como uma colher de madeira. Em relação ao desenho original, a cópia obtida surgirá em espelho.

Ver, em Des – Estruturas: Judith Lauand.

REFERÊNCIAS

LIVROS DE REFERÊNCIA

- ANJOS, Moacir dos. *Local/global: arte em trânsito*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.
- ARGAN, Giulio Carlo. *A Arte Moderna na Europa – de Hogarth a Picasso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BASBAUM, Ricardo (Org.). *Arte Contemporânea Brasileira*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- CANTON, Katia. *Do Moderno ao Contemporâneo*. Coleção temas de arte contemporânea. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea: uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CLARK, T.J. *A Pintura na Vida Moderna – Paris na arte de Manet e de seus seguidores*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- COLI, Jorge. *O que é arte?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- DEMPSEY, Amy. *Estilos, Escolas e Movimentos – Guia Enciclopédico da Arte Moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- DUARTE, Paulo Sérgio. *Arte Contemporânea Brasileira: um Prelúdio*. Rio de Janeiro: Silvia Roesler Edições de Arte, 2008.
- FIEDLER, Jeannine & FEIERABEND, Peter. *Bauhaus*. Köln (Alemanha): Könemann, 2000.
- MILLET, Catherine. *A Arte Contemporânea*. Lisboa (Portugal): Instituto Piaget, 1997.
- RICKEY, George. *Construtivismo – Origens e Evolução*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- STANGOS, Nikos. *Conceitos da Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- WALTHER, Ingo (Org.). *Arte do Século XX*. Köln (Alemanha): Taschen, 2000.
- WOOD, Paul; FRASCINA, Francis; HARRIS, Jonathan; HARRISON, Charles. *Modernismo em Disputa – A Arte desde os anos Quarenta*. São Paulo: Cosac Naify, 1998.

CATÁLOGOS

- Catálogos da Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo.
- Catálogos da Bienal do Mercosul. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul.
- O Triunfo do contemporâneo: 20 anos do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul*. Curadoria de Gaudêncio Fidelis. Porto Alegre: Imago Escritório de Arte, 2012.
- Vera Chaves Barcelos*. Porto Alegre: Espaço N.O., 1986.

OUTROS MATERIAIS

- Material Didático desenvolvido pelo Programa Educativo da Fundação Iberê Camargo. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2010.
- Material de apoio educativo para o trabalho do professor com arte. Núcleo Educação XXIV da Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998.
- Projeto Educativo da XXIX Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2010.
- Recursos Educativos em Artes: Gravura. Caderno do Professor. São Paulo: Itaú Cultural, 2000.

DES|ESTRUTURAS

Curadoria Neiva Bohns e Vera Chaves Barcellos

Montagem Altemir Sanhudo, Luise Malmaceda e Patricio Farías

Programa Educativo Sala dos Pomares: experiências em arte contemporânea e sua contribuição educativa

Concepção Carolina Biberg

Coordenadora Educativa Maria Margarita Kremer

Professora de História da Arte Paula Ramos

Mediação Ana Paula Meura, Giane Preto e Luise Malmaceda

Imagens Juliana Lima, Luise Malmaceda e Vera Chaves Barcellos

Design Gráfico Roka Estúdio

Fundação Vera Chaves Barcellos

Diretora Presidente Vera Chaves Barcellos

Superintendente Cristiane Löff

Diretor Administrativo Carlos Renato Hees

Coordenação de Projetos e Produção Carolina Biberg

Comunicação e Relações Institucionais Claudia Rüdiger

Reserva Técnica e Acervo Ana Paula Meura, Giane Preto e Luise Malmaceda

Centro de Documentação e Pesquisa Fernanda Medeiros e Úrsula Flores



Sala dos Pomares

Av. Senador Salgado Filho, 8450
Viamão - RS | Brasil | 94440-000

Sede Administrativa

Av. Julio de Castilhos, 159 | 6º andar
Porto Alegre - RS | Brasil | 90030-131
info@fvcb.com | www.fvcb.com
Fone/Fax: 51 3228 1445

Agende sua visita: (51) 8229 3031 | educativo@fvcb.com